

## Identities in the context of migration: A study of epistolary narratives<sup>1</sup>

Marciana Santiago de Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** O ensaio proposto refere-se ao estudo de algumas das narrativas epistolares de migrantes que compõem os *Boletins das Migrações Vai Vem* da década de 1980 que se encontra no acervo do Instituto Administrativo Jesus Bom Pastor (IAJES) sob a guarda do Núcleo de Documentação Histórica “Honório de Souza Carneiro”, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Câmpus de Três Lagoas. Aponta-se para a análise das cartas, dentro do campo das representações que entrelaçam a memória e as redes simbólicas do imaginário dos migrantes, com um olhar para a matéria prima, ou seja, suas próprias narrativas. As histórias de vida dos migrantes permite compreender suas trajetórias pelo fazer-se da mobilidade do trabalho, desta forma, a reflexão identitária dar-se-á pela perspectiva da História Social do Trabalho. Entende-se a (re)construção da identidade migratória como processo *continuum na vida* dos migrantes, uma vez que ela se constitui a partir da *transitoriedade migratória* que abarca não somente o duplo sentimento de pertencimento de lugares e espaços como sua condição de sujeito migrante.

**Palavras-chave:** Cartas; Migração; Identidade

### Identities in the context of migration: A study of epistolary narratives

**Abstract:** The proposed test refers to the study of some of epistolary narratives of migrants that compose the Newsletters migration Will Come to late 1980 at the Administrative Office of Jesus the good Shepherd (IAJES) under the custody of the Historical Documentation "Honorius de Souza Carneiro, of the Federal University of Mato Grosso do Sul, Três Lagoas Campus. Points out, , for the analysis of letters, within the field of representations that intertwine memory and symbolic imagery of networks of migrants, with a look at the raw material, i.e. their own narratives. The migrants ' life stories allows you to understand its pathways by making sure the labor mobility, in this way, the reflection of identity shall be from the perspective of Social history. Means the (re) construction of migratory identity as continuum process in the life of migrants, since it is from the transience that embraces not only the migratory double feeling of belonging of places and spaces as your condition of migrant subject.

**Keywords:** letters; Migration; Identities

<sup>1</sup> O presente texto foi construído a partir de reflexões feitas na disciplina de Introdução à Antropologia, orientado pelo Professor Doutor Lourival dos Santos.

<sup>2</sup> Acadêmica do 7º semestre do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas – UFMS/CPTL. Bolsista PET-História “Conexões de Saberes”.

## INTRODUÇÃO

O estudo salientado no presente ensaio inicia-se com a prática do diálogo da História com a Arquivologia<sup>3</sup> para o trabalho de descrição, classificação e catalogação das fontes do acervo documental do Instituto Administrativo Jesus Bom Pastor<sup>4</sup> (IAJES) que se encontra sob a guarda do Núcleo de Documentação Histórica “Honório de Souza Carneiro”, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Câmpus de Três Lagoas.

Este acervo possui aproximadamente cem metros lineares de documentos, com a seguinte diversidade de suporte: manuscritos, livros editados, documentos datilografados, digitados, impressos, mimeografados, jornais, revistas, correspondências, fotografias, slides, filmes e fitas de áudio (OLIVEIRA, 2010, p.43-47).

Fontes riquíssimas, especialmente sobre a história social dos movimentos populares de Andradina, noroeste do estado de São Paulo, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, e região, dentro do recorte temporal de 1962 a 1990 considerando os anos de atuação deste Instituto.

A *práxis* no universo arquivístico tem proporcionado não só a disponibilização de tais fontes à comunidade acadêmica e local, mas também tem despertado os alunos que trabalham neste acervo para inúmeras pesquisas. Foi neste processo que vislumbramos na série do *Boletim Vai Vem* como uma possibilidade de pesquisa histórica.

O Boletim era enviado para diversas regiões do Brasil, entre elas a cidade de Andradina, mais especificamente para o IAJES, que coordenava diversas ações aos migrantes da região. Sua edição era feita pelo Centro de Estudos Migratório – São Paulo (Missionário de São Carlos) e Centro Pastoral

---

<sup>3</sup> Atividade desenvolvida como pesquisa coletiva do grupo PET-História “Conexões de Saberes”.

<sup>4</sup> IAJES era uma organização dirigida por padres, como o padre progressista João Carlos Oliveri e outras pessoas inspiradas na Teologia da Libertação, que ficou conhecido por seu caráter religioso, sobretudo partidário de esquerda, tendo em seus referenciais a inspiração nas ideias marxistas. Suas ações eram de cunho assistencial e político, dentro do universo destas ações estavam os seguintes movimentos: negros, indígenas, mulheres, sociedade de amigos de bairro (SAB's), Comunidade Eclesiais de Base (CEB's), pela reforma agrária, pela saúde e pelo fortalecimento do Partido dos Trabalhadores (PT), entre outros. Sobre um entender maior do Instituto ver o trabalho de dissertação da Marina Esteves de Oliveira (2006, p.119).

dos Migrantes – São Bernardo do Campo (Diocese de Santo André), ambos do estado de São Paulo.

O Centro de Estudo Migratório (CEM) em parceria com o Centro Pastoral de Migrantes (CPM) passou a publicar, em junho de 1981, o *Boletim Vai Vem*, primeiramente trimestral e depois bimestral, até o ano de 2010 quando se tem o último número publicado. O periódico buscava ser um instrumento do próprio migrante para consolidar e fomentar suas lutas por meio de uma organização social dos movimentos populares migratórios.

No corpo destes exemplares temos conteúdos riquíssimos a serem analisados, como poesias, músicas feitas pelos próprios migrantes, as notícias dos movimentos migratórios de todo o Brasil e do mundo que ressaltam o seu olhar sobre o contexto migratório. Tem-se, também, as cartas escritas por migrantes enviadas para familiares, amigos e ao editorial do *Boletim Vai Vem* que as publicava na íntegra e/ou por trechos acompanhados de análise ou comentário do editorial.

Para o trabalho de conclusão de curso em História pela UFMS/CPTL iniciamos a compreensão no universo migratório, tendo como fonte os *Boletins Vai Vem* e como objeto de pesquisa as cartas de migrantes que compõem este periódico. Na oportunidade estamos analisando somente as cartas que foram publicadas na íntegra pelo editorial (que totalizam em quatorze exemplares), conforme os boletins da década de 1980 que se encontram no Núcleo de Documentação Histórico “Honório de Souza Carneiro”.

Neste sentido, pautados no campo historiográfico da História Social do Trabalho e na perspectiva da história vista de baixo para cima (SHARPE, 1992, p.41), buscaremos explicar pontos pertinentes sobre a construção da(s) identidade(s) para sujeitos migrantes por meio de suas narrativas epistolares, uma vez que os migrantes são reconhecidos e se reconhecem pelas relações de trabalho e nas relações sociais que estabelecem.

Cabe destacar que a História Social do Trabalho se desenvolveu nas décadas de 1970 a 1980 em função da nova conjuntura política e do crescimento das lutas trabalhistas no Brasil e no mundo. Esta perspectiva compreende a história social pelo viés do trabalho, sobretudo a partir das pesquisas britânicas, como de Eric Hobsbawm e Edward Thompson, em que

as pessoas comuns - trabalhadoras e trabalhadores - são personagens centrais das histórias e da História.

Dentro da proposta do presente texto, a análise identitária no contexto migratório será pautada em três cartas que foram enviadas ao editorial do periódico<sup>5</sup> por remetentes masculinos, com a preocupação de salientar a vida de quem vive no vai e vem das migrações. Ao propormos um estudo que valorize as narrativas dos migrantes nas cartas entendemos que as análises das mesmas podem compreender as ações humanas do presente pelo passado e o passado pelo presente, preocupação esta que norteia o ofício do historiador.

As três narrativas são manuscritas por trabalhadores que narram suas histórias pela experiência de trabalho e pela luta social, tendo em vista a auto-organização dos movimentos migratórios. O fazer-se migrante se dá pela mobilidade do trabalho, deste modo, o cotidiano familiar se mistura ao cotidiano de trabalho, e assim suas identidades vão sendo negociadas pelas práticas de ofícios no “mundo do trabalho”.

A reflexão sobre o conceito identidade é um exercício complexo, sobretudo no que tange a (re)construção da(s) identidade(s) para migrantes, porém entendemos que as cartas contribuem para elucidar esta questão, uma vez que são narrativas pautadas em construções do próprio eu destinatário, “uma reflexão maior, do encontro mais intenso do sujeito com ele mesmo” (MORAES, 2005, p.19). Uma reflexão do âmago do *ser* humano - um *ser* coletivo - revela não só a maneira que o mesmo quer ser visto perante a sociedade, mas as nuances que compõem a sociedade que viveu.

## **FAZER-SE MIGRANTE: IDENTIDADES NO CONTEXTO MIGRATÓRIO**

*O homem e sua especificidade humana cria um texto para  
expressar a si mesmo.*  
**BAKHTIN (2003)**

---

<sup>5</sup> O editorial do Boletim fazia chamadas para que os leitores enviassem cartas com sugestões ao periódico ou cartas que evidenciassem suas trajetórias de vida, para assim, compartilhar e fomentar as lutas sociais dos migrantes.

As narrativas epistolares são vestígios primordiais ao trabalho do historiador para compreensão do conceito de identidade e suas implicações no contexto migratório, pois expressam as atitudes e representações do sujeito-migrante no âmbito do público e/ou privado:

Ao ter acesso a esses fragmentos, o historiador espia por uma fresta a vida provada palpitante, dispersa em migalhas de conversas a serem decodificadas em sua dimensão histórica, nas condições socioeconômicas e na cultura de uma época, na qual público e privado se entrelaçam, constituindo a singularidade do indivíduo numa dimensão coletiva. Processo identitário que se define e redefine constantemente e elimina qualquer suposição de coerência e continuidade de atitudes, sentimentos ou opiniões (MALATIAN, 2009, p.200).

As cartas expressam e ocultam a vida privada de acordo com as regras apresentadas e o pesquisador ao analisá-las deve levar em consideração o seu caráter subjetivo, a materialidade do objeto e a “veracidade” dos fatos, como orienta Malatian (2009):

Ao analisar a correspondência como objeto, o historiador levará em conta seu caráter altamente subjetivo e, mais do que a veracidade dos fatos e a sinceridade do escritor, irá buscar, nesses documentos, a expressão e a contenção do eu, em seus diversos papéis sociais, em termos de sentimentos, vivências e, principalmente, práticas culturais (p.204).

Tendo em vista os cuidados metodológicos apontados pela autora, iniciamos nossa discussão indentitária no processo das migrações com a história de José Carlos da Silva<sup>6</sup>, intitulada pelo remetente de “*A história de um acampado no Ibirapuera/SP*”.

O título é um dos indícios de que o remetente quer direcionar o olhar do leitor para sua definição identitária. Portanto, temos que levar em consideração esta verdade do sujeito, ou seja, o olhar do remetente para um determinado momento que escreveu a carta, pensando ainda, nas intenções dele para com o seu destinatário.

A narrativa é marcada desde o início pela vida de trabalho, ou seja, pela luta por emprego, por melhores condições de trabalho e pela auto-organização social dos migrantes. José Carlos da Silva começou a trabalhar ainda garoto como engraxate e entregador de marmitas, em sua cidade natal

---

<sup>6</sup> *Boletim das migrações Vai Vem*. Ano 3, nº 11, mês Dezembro, ano 1983, p 11.

Telêmanco Borda, interior do estado do Paraná. Seu pai trabalhava em uma fábrica, e “seguindo” os passos de seu pai o mesmo participou de alguns cursos oferecidos por fábricas. Passado alguns meses, foi contratado por uma das fábricas parceiras do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), porém foi despedido do emprego ao término dos cursos que fazia.

Diante deste cenário José Carlos da Silva sonha com novas veredas. Caminhos que lhe trouxesse estabilidade e esperança de uma vida melhor. Assim sendo, em 1975 migrou para a cidade de São Paulo, mas a realidade deste novo caminho foi assinalada por inúmeras dificuldades, tais como a busca de um novo emprego, a compra de uma casa própria, dentre outros.

José Carlos da Silva consegue um emprego de servente de pedreiro e, em seguida, como pedreiro. Neste período aproveitou para aprender um pouco do trabalho de eletricitista, e não demorou muito para conseguir emprego de eletricitista instalador em uma fábrica de São Paulo. Com esse novo emprego José Carlos havia de acompanhar a empresa que prestava serviço em inúmeras cidades, como o mesmo narra a seguir:

Nessa caminhada passei para obras de vulto como Jari, Canal de Simão, Itaipu, Centrais Elétricas Térmicas em vários Estado do Norte, Centro e Sul do Brasil, Itaipu, Rodovia dos Imigrantes, Rodovia Rio-Santas, Parto de Tubarão, Casifa, área da Petrobrás em Cubatãs, Camacari, Paulinia e Areucária, Metro de São Paulo, Ponte Niterói (p.11).

Porque será que José Carlos, um migrante como o mesmo se identifica, narra sua trajetória de vida com tantas idas e voltas? Será que o mesmo não consegue se adaptar com o ritmo do trabalho na cidade? Ou era a falta de condições dignas de trabalho que lhe era apresentado?

Pode-se observar que as condições de trabalho dessas empresas não eram das melhores. Os trabalhadores passavam horas de suas vidas com dedicação ao emprego, como José Carlos assinala: “Nessas firmas tinha de fazer em média 4 horas extras por dia, muitas vezes tendo de dobrar. Se não o fizesse era demitido, o que aconteceu várias vezes quando passei a compreender que estava sendo explorado” (p.11).

Em 1977 José Carlos tentou estabilidade em outra fábrica em Guarulhos, São Paulo, para não precisar sair de sua casa. Era grande a inquietude diante das condições de trabalho. Diante disso, se envolveu em uma

greve, juntamente com demais trabalhadores, em maio de 1978, reivindicando melhores condições de trabalho. Pelo seu envolvimento nas mobilizações José Carlos foi mandado embora do emprego.

No mesmo período entrou em outra fábrica e se envolveu em outras manifestações, e novamente foi demitido, como o mesmo relata a seguir:

Consegui um emprego de ajudante na MEB de Guarulhos mas fui mandado embora devido a greve de maio de 1978. Fiquei 3 meses desempregado e consegui entrar na Bâlem, na mesma função ajudante. Com a luta dos trabalhadores surgiu a greve de novembro e perdi o emprego novamente (p.12).

José Carlos resolveu voltar para sua terra natal no estado do Paraná, trabalhando novamente em montagens industriais. Neste período, casou-se e constituiu família, tendo duas filhas. Passavam-se dias e dias, e as condições financeiras só pioravam. Diante desta situação a família decidiu voltar todos juntos para São Paulo.

A volta para São Paulo, e agora com a sua família, foi marcada por muitas esperanças de uma vida melhor, principalmente com a expectativa que na cidade teria bons empregos. Mas a realidade foi dura, como José Carlos aponta a seguir: “lutei para conseguir emprego em São Paulo e ao mesmo tempo fazia bicos de eletricidade. Como não dava pra manter direito as filhas a situação familiar foi ruindo e acabei perdendo a companheira” (p.12).

Neste momento da carta, ou melhor, de sua vida, José Carlos vivencia a perda da família, o que torna mais difícil a caminhada. Sua vontade de lutar por melhores condições de vida é aguçada perante as dificuldades enfrentadas.

A narrativa de José Carlos da Silva representa uma partícula nas cartas que compõem o *Boletim Vai Vem*, todavia demonstra como os migrantes são seres em *trânsito*, que vive no vai vem das migrações. A dicotomia do duplo sentimento de pertencimento a lugares e espaços e ao mesmo tempo não pertencimento, norteia a vida dos migrantes de tal forma que suas identidades se constituem no fazer-se da migração, no fazer-se *continuum* da transitoriedade migratória (GOETTERT, 2008, p.4).

O sociólogo Martins (2002) em *A vida entre Parênteses: Migrações internas no mundo contemporâneo* aponta que na saída ou na chegada do

migrante em sua sociedade de origem, este sempre será norteado pela *figura do ausente*, por entender que “quem parte é um, quem volta é outro” (p.143). Neste sentido o fazer-se migrante é entendido por meio do processo das migrações, entre o trânsito e deslocamento que compõem a transitoriedade migratória.

José Carlos da Silva finaliza sua narrativa, demonstrando uma conscientização de luta, a qual sempre teve, mas que agora se objetiva na organização social coletiva dos desempregados no Ibirapuera – São Paulo: “por acreditar ser ele um grito desespero que vai ecoar por todo o Brasil e alertar os trabalhadores para lutar por um emprego descente, com salários dignos e estabilidade” (p.12).

Esta narrativa proporciona uma riqueza de análise histórica, principalmente por compor um Boletim, que se considera um instrumento de “conscientização” de luta dos migrantes. O remetente sabe qual é o público a que sua carta está voltada e a importância das suas narrativas epistolares para o movimento organizado dos migrantes.

Os migrantes desenham suas histórias no campo das representações que entrelaçam a memória e as redes simbólicas do imaginário. Os narradores interpretam o vivido segundo um conjunto de (re)significados, assim compreendemos a *práxis* da experiência para além do âmbito do vivido, pois:

Não se trata apenas de discurso, porém de atividade humana, de realização, de *práxis*. A *práxis* e o pensamento aparecem numa relação de indissolubilidade. O conteúdo de todas estas narrativas remete ao imaginário, à recriação da experiência, ao recontar da história e da memória, à (re)invenção de representações simbólicas (SILVA, 2001, p.13).

Neste mesmo sentido, podemos analisar a narrativa de Agostinho Nilson Neto<sup>7</sup> intitulada “*Luta do migrante pela Moradia*”. O narrador trabalhava como arrendatário em um sítio de São João do Ivaí, no estado do Paraná, mas estava desanimado com a condição de trabalho que lhe era apresentado, pois tudo que estes trabalhadores colhiam mais da metade era para o patrão.

---

<sup>7</sup> Boletim das migrações *Vai Vem*. Ano 2, nº 5, mês Junho, ano 1982, p. 16.

No mesmo ano de 1967, acreditando nas propagandas de trabalho que diziam existir na cidade de São Paulo, o mesmo deixou sua família em busca de novas condições de trabalho na capital paulista.

Chegando à cidade, viu que tudo era muito diferente do que diziam. Primeiramente teve que comprar um barraco, para fazer sua casa, e para isso foi preciso trabalhar em uma das metalúrgicas na Vila de Prudente. Torna-se interessante observarmos a comparação que Agostinho Neto faz da terra arrendada com a casa de aluguel na cidade:

Concegui emprego numa metalúrgica na Vila Prudente, conseguindo logo depois comprar 1 barraco na favela do Parque Santa Madalena por 25 mil, pois pagar aluguel era mesmo que viver em terra arrendada. Foi infeliz na compra do barraco, pois veio a chuva derrubou tudo, era tudo o que tinha, ficamos sem saber o que fazer [sic] (p.16).

Este migrante vivia com muita dificuldade na cidade, mas também não pensava em voltar para sua terra natal. A história de vida de Agostinho Neto representa, assim como a de José Costa da Silva, inúmeros migrantes que se direcionaram para São Paulo em busca de melhoria de vida, e que ao invés disso se depararam com outras dificuldades, acabando por ficar a margem da sociedade, permanecendo explorados pelo trabalho ou pela falta deste.

Agostinho Neto e outros moradores do bairro, que também perderam suas casas com a chuva, se organizaram e unidos foram à luta em busca de seus direitos. Muitos deles faltaram dias de serviço para se reunirem em encontros regionais da Comissão de Desabrigados (organizada pela Comissão de Comunidade de Bairros).

Esses sujeitos corriam o risco de perder o emprego e piorar ainda mais a situação financeira. Mas a organização coletiva dava-lhes força na luta para permanecer no lugar, mesmo que na condição anterior à destruição, ou seja, no barraco conquistado: “Valeu a pena de ter lutado juntos pois conseguimos os barracos novos e estamos em nossos barraco, vivemos vida nova; se acontecer com outras pessoas o mesmo vamos também ajuda-los pois sabemos defender” [sic] (p.16).

As narrativas epistolares evidenciam as condições de vida dos migrantes no âmbito urbano, marcadas pelas dificuldades do trabalho. Destaca-se também, a organização coletiva dos migrantes, na luta por

melhores condições de vida no *lugar* chegado; a esperança “por dias melhores” pautada em inúmeras retiradas, no vai e vem das lutas, sonhos e esperanças, arriscando suas próprias vidas.

Ao retomarmos o contexto histórico das migrações nos anos 1960-1970 observamos que a concentração demográfica metropolitana e o êxodo rural eram os aspectos mais destacados no período. Barcellos (1995) aponta para algumas mudanças ocorridas na década de 1980, sendo elas: as crises econômicas, a queda das taxas de fecundidade e a ocupação de novas fronteiras agrícolas:

Em primeiro lugar, temos a crise econômica, que reduziu o poder de atração das grandes metrópoles, em função da diminuição drástica das chances de emprego urbano e das oportunidades de ascensão social para as camadas de baixa renda. Em segundo lugar, deve ser lembrada, enquanto fator relevante nesse novo quadro, a queda das taxas de fecundidade e, em consequência, dos "estoques" populacionais das áreas expulsórias. Em terceiro lugar, acompanhamos, nesta década, um processo de retração na ocupação de novas fronteiras agrícolas, envolvendo a falência dos projetos de colonização e o fim das grandes obras, o que vem contribuindo para o aumento da tensão social relacionada com a terra no País (BARCELLOS, 1995, p.2).

Ao analisarmos as narrativas percebemos que o “mundo do trabalho” permeia o cotidiano dos migrantes. Por vezes os fatores de expulsão e de atração (condição de existência e condição de realização pessoal, social e econômica) ligados ao trabalho, são determinantes para o deslocamento do migrante, seja no seu sentido material ou simbólico (GOETTERT, 2008, p.216).

Segundo o sociólogo polonês Bauman (2005), estamos vivendo em uma época da “*modernidade líquida*”, em que tudo se torna cada vez mais solúvel, volátil e efêmero, sendo as identidades decisões, caminhos que os sujeitos tomam no decorrer de suas vidas, que estão aptas a mudanças há quaisquer instantes, “como um manto leve pronto a ser despido a qualquer momento” (p.37). Para o autor a identidade está ligada a concepção de pertencimento ao lugar de origem e de destino, o duplo sentido do pertencer ocorre em função das múltiplas necessidades humanas, sejam elas no diferente ou no comum.

Todavia a práxis do trabalho com as cartas evidenciam que o fazer-se migrante é um fazer pela necessidade do trabalho, os lugares e tempos

distintos entre a saída e a chegada se cruzam e interpenetram nas relações de trabalho e pelas relações sociais. Entender as identidades pelas experiências migratórias é considerar o “mundo do trabalho” como determinante à sua existência, ou seja, à formação da identidade do próprio migrante.

As cartas, mesmo escritas individualmente, revelam-se uma fonte privilegiada ao historiador. O seu conteúdo expressa o contexto social em que o sujeito está inserido, evidenciando uma riqueza de informações sobre o universo migratório.

Trabalhadores e trabalhadoras que lutam por uma vida melhor evidenciam a todo o momento o desenraizar pela necessidade do trabalho, o que acentua ainda mais para estes sujeitos a construção da identidade.

Simone Weil (1996) ao abordar a opressão e a condição operária pautada em sua vivência de trabalho de campo no chão da fábrica na França, discute que “o enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir” (p. 411).

Assim sendo, para a autora, o problema do desenraizamento se torna inevitável aos migrantes, sobretudo pelas condições de trabalho “embora geograficamente permanecendo num local, moralmente foram desenraizados, exilados e readmitidos, por tolerância, como cerne de trabalho”. (WEIL 1996, p. 413).

O desenraizamento vai além do deslocamento de pessoas, as raízes não são as mesmas - são múltiplas -, outras raízes que estão constantemente abaladas principalmente pelo “mundo do trabalho”.

No entanto é preciso ter em mente o que Ecléa Bosi (1992) aponta ao refletir sobre as migrações: “a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento. Não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas procurar o que se pode renascer nessa terra de erosão” (p.17).

O desenraizamento é inevitável aos migrantes, suas identidades se constroem e reconstroem por meio do universo das migrações - *terra de erosão* - ou melhor, para além do migrar, a necessidade do enraizamento se mistura numa simbiose do desenraizar.

Entende-se que “a identidade se constrói através de relações, isto é, é processual e relacional e, portanto, capaz de se adaptar às transformações sociais e pode ser vista como uma construção social de pertencimento”

(SANTOS, 1997, p.14). O nascer e o morrer do migrante se faz pela experiência do trabalho, neste sentido, suas identidades são entendidas das e nas relações de trabalho.

### **“O LAVRADOR E A MECANIZAÇÃO<sup>8</sup>: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

A história de Maurilio da Silva chama atenção primeiramente pelo título da carta nomeada pelo mesmo: “*O lavrador e a mecanização*”, indicando a mensagem que o remetente quer passar aos seus leitores.

Maurilio da Silva narra sua vida em Sertanejo, no Paraná, onde juntamente com sua esposa trabalhavam como meeiros em uma fazenda, e ali plantavam milho, amendoim, arroz e girassol. Com a chegada da mecanização no ano de 1976, o dono da fazenda despediu a família de Maurilio, ou melhor, exigiu que saísse da fazenda. A opção foi migrar para a cidade em busca de novas oportunidades de trabalho: “e foi com a chegada da mecanização na agricultura e no cultivo do trigo e da soja, que o fazendeiro exigiu que deixássemos suas terras” (p.14).

O caminho percorrido por Maurilio da Silva, após expulsão da fazenda, iniciou por Apucarana (PR), passando por Londrina e fixando-se em Campinas. Em Apucarana trabalhava como diarista em uma fazenda, mas ganhava tão pouco que acabou ficando nesta fazenda apenas três meses. Depois migrou, sempre acompanhado da esposa, para Londrina onde morou por seis anos, como podemos perceber na fala a seguir: “trabalhamos numa fazenda de café e ganhamos por dia tão pouco que nem dava para viver, Cr\$ 30,00. Lá ficamos 3 meses e em seguida viemos para Londrina e apesar desta cidade ter poucas indústria a gente ainda permaneceu cerca de 6 anos ali” (p.14).

Esta narrativa propicia uma reflexão ao traçar um paralelo com a vida da família de Maurilio da Silva no campo, em Sertanejo (PR), e na cidade, em Campinas (SP): se num primeiro momento Maurilio percebe a mecanização na lavoura em Sertanejo como algo ruim ao seu trabalho de meeiro, em Londrina

---

<sup>8</sup> Título da carta de Maurilio da Silva que iremos analisar neste tópico, que foi enviada para editorial na data 15/07/1982. *Boletim das migrações Vai Vem*. Ano 2, nº 6, mês Setembro, ano 1982, p. 14.

Maurilio enxerga a mecanização das fábricas como uma das possibilidades de trabalho na cidade: “apesar desta cidade ter poucas indústrias a gente ainda permaneceu cerca de 6 anos ali” (p. 14).

Ao se envolver nas reivindicações por moradia em Campinas acabara por mudar-se para uma favela, deixando sua esposa e filhos em Souza, distrito de Campinas, em nome da organização social: “a minha família mora em Sousa distrito de Campinas e eu moro em uma favela, pois sou um dos que a 3 anos juntamente a outro iniciamos a luta na favela. Tudo começou com a abertura da primeira rua da favela a rua do Povo, o nome é em homenagem ao mutirão dos moradores da favela 29”. (p.14)

A fala de Maurilio da Silva está pautada de orgulho por sua participação na luta por melhorias na comunidade. Os frutos dessas lutas são evidenciados pelo mesmo, ao salientar que “a nossa luta já está bem avançada, a canalização da rede de água está na sua fase final à abertura dos esgotos já se iniciou” (p.14).

A Comunidade de Bairro foi o apoio que todos precisavam. Uma organização que, na década de 1980, agia com padrões inovadores de ações coletivas e não individualistas, como sugere Alonso (1994) sobre os movimentos sociais daquele contexto: “O conceito de movimento social é entendido como uma forma de ação coletiva baseada na solidariedade, desenvolvendo um conflito, rompendo os limites do sistema em que ocorre a ação” (p. 84).

Como um lugar de socialização, Maurilio da Silva ressalta o salão comunitário da favela, que servia tanto para missas como para alguma festividade da comunidade, tendo ainda assessoria técnica e jurídica.

Podemos observar nesta carta, entre outras questões, três momentos desta família de migrante: a expulsão do trabalho no campo pela mecanização; as tentativas de sobrevivência do trabalho na cidade, e por último, o contato que Maurilio teve com o Movimento de Bairro, em que uniu suas forças em prol de algo comum aos outros migrantes.

Podemos perceber assim como na história de vida de José da Silva, Agostinho Neto e de Maurilio da Silva, que a (re)construção da identidade é entendida por meio das experiências do trabalho, das e nas relações de trabalho, em que estão a todo o momento (re)criando em plena negociação,

sejam elas pela identificação como meeiro, trabalhador no campo, trabalhador nas fábricas das cidades, ou pela identidade coletiva dos movimentos sociais.

Assim, é preciso admitir que as identidades laborais construídas em meio às mudanças no mundo do trabalho não são permanentes ou estáveis, mas sim dinâmicas devido às sínteses, sempre provisórias, realizadas pelos trabalhadores sobre suas experiências. Por isso, torna-se importante a tentativa de atingir o caráter coletivo da experiência dos trabalhadores (...) (MASCHIO, 2008, p.100).

Neste ensaio tentou-se apontar as análises iniciais do trabalho com cartas dos *Boletins das migrações Vai Vem*, como possibilidade de análise histórica pautada na perspectiva da história social do trabalho para refletirmos sobre o conceito de identidade no processo das migrações.

Deste modo, as três narrativas epistolares analisadas no decorrer do texto, expressam as experiências vividas por homens e mulheres migrantes: suas lutas, suas trajetórias, suas formas de organizações sociais, as relações de trabalho, ou seja, as identidades destes sujeitos migrantes que são criadas e recriadas por meio das relações de trabalho e das relações sociais.

## FONTES

Boletim das migrações *Vai Vem*. Ano 2, nº 5, mês Junho, ano 1982, p. 16.

*Boletim das migrações Vai Vem*. Ano 2, nº 6, mês Setembro, ano 1982, p. 14.

Boletim das migrações *Vai Vem*. Ano 3, nº 11, mês Dezembro, ano 1983, p. 11.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Luiza Kelin. Movimentos sociais e cidadania: a contribuição da psicologia social. In: SPINK, Mary Jane Paris. *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. – São PAULO: Cortez, 1994.

BARCELLOS, Tanya M. (1995). Migrações internas: os conceitos básicos frente à realidade de última década. In: *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v.I 6, n.1.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

BOSI, Éclea. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo (org.) *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1999.

GOETTERT, Jones Dari. *O espaço e o vento: Olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou*. – Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.

MALATIAN, Teresa. Cartas: Narrador, registro e arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, José de Souza. *A sociedade vista do abismo: Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais* / José de Souza Martins, - Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MASCHIO, Maralice. A vida pelo trabalho: Os sobreviventes das mudanças do trabalho do setor de serviços. BOSI, A. P ealt. *Trabalho e movimentos sociais*. – Cascavel : EDUNIOSTE (Série Tempos Históricos) 2008.

MORAES, Marcos Antônio. *Antologia da carta no Brasil: Me escreva tão logo possa* / organização e apresentação Marcos Antônio Moraes. – São Paulo: Moderna, 2005. – (Coleção Lendo & relendo carta).

OLIVEIRA, Mariana Esteves de. *O grito abençoado da periferia: Trajetórias e contradições do IAJES e dos movimentos populares na Andradina dos anos 1980*. A Dissertação de Mestrado em História – Departamento de História, Universidade Estadual de Maringá 2006.

OLIVEIRA, Vitor Wagner Neto de Oliveira (coordenador). Núcleo de Documentação histórico “Honório de Souza Carneiro”: *Guia do acervo*. Três Lagoas, Mato Grosso do Sul: Gráfica Dom Bosco, 2010.

SANTOS, Miriam de Oliveira. A noção de identidade e seu uso nos estudos migratórios. *Revista. Inter. Mob. Hum.*, Brasília, Ano XVIII, Nº 34, 2010.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo. UNESP, 1992.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. A terra no Imaginário dos migrantes Temporários. *Revista Pral*, N. 4 p.103-120,2001.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão/seleção e apresentação Ecléia Bosi; tradução Therezinha G. G. Langlada - 2º ed. Ver. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.*